

# Espaço Aberto



## Ao vencedor, as pipocas

Fonte inesgotável de sabedoria, o milho que estoura na panela pipoca em mim reflexões das mais inquietantes e profundas. Acreditar que todo aquele corpo branco coube um dia num grãozinho amarelo ajuda a entender a própria origem do universo. Basta lembrar a teoria do *Big Bang* para constatar que não exagero. Pipocas são a representação do cosmo.

Feito lagarta que se metamorfoseia em borboleta, o poético rito de passagem do milho, que violentamente rompe a casca protetora e se liberta, é de uma simbologia incomparável. Como flores que desabrocham, pipocas são a expressão da Liberdade.

Temos de reconhecer, no entanto, que nem todo milho quer ser pipoca. Há aqueles que nascem milhos, crescem milhos e morrem milhos - os piruás. Talvez por falta de coragem, escolhem mostrar somente seu lado invulnerável, indestrutível, inflexível. Exibem a carcaça reluzente, seu lado de fora, uniforme e impermeável. Hermeticamente metidos em suas duras e lustrosas cascas, jamais conhecerão a alegre delícia da pipoca.

Triste realidade a desses grãos que não se permitem assimétricos - pipocas que não serão. E talvez nós mesmos nos reconheçamos por vezes piruás.

Não raro nos trancamos em milhos que fogem do fogo. É o medo de estourar a casca protetora e nos mostrarmos frágeis e sensíveis, qual pipocas que de tão leves e delicadas são levadas pelo vento como pequenas nuvens.

Escondemos nosso lado de dentro, nos negamos a mostrar o avesso. Mas por que ser milho queimado, quando se pode virar uma linda pipoca? Por que ser piruá, quando se pode despir a casca tão apertada?

Acontece que essas questões não se põem assim claras diante de nós. Ao contrário dos milhos, não viramos pipocas de uma vez, num estouro. Nesse ponto nossos grãos amigos têm sorte. Anestesiados com o calor e ensurdecidos pelo barulho das explosões, ainda que abafado pela tampa da panela, talvez sofram menos que nós. Nosso estouro é contínuo e silencioso. Por vezes doído, já que, mesmo não pulando como as pipocas, não estamos livres de nos machucarmos. Mas sempre vale à pena tornar-se pipoca. Elas têm mais gosto pela vida!

Pipocas são incríveis. Têm ainda muito a nos ensinar. Sua simplicidade contrasta com a complexidade de seus significados. Pequenos milagres ensacados com sal! Não à toa combinam tanto com a magia do cinema, não à toa desfilam em carrinhos pelas ruas, não à toa são tão cheirosas e deliciosas. Se as galinhas soubessem fazer pipoca, não mais chocariam seus ovos...

**Marília Kotait** é ex-aluna do Colégio Dante Alighieri (turma de 2006). Hoje, está no 2º semestre do curso de Direito na USP.